

REFLEXÃO A PARTIR DAS NARRATIVAS DE ESTÁGIO NA PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO DO FUTURO DOCENTE

Barbara Correa e Silva
barbarahcs.correa@gmail.com

Maria Júlia Buck Rossetto
maju.br@outlook.com

Resumo

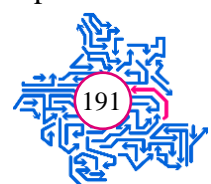
É tempo de remexer-se por dentro, virar-se ao avesso e reconstruir. O atual modelo de ensino é formado por uma série de transformações decorrentes de um processo global de mudanças de fluxos. Isso influi na maneira como os indivíduos se apropriam do espaço e das relações, e na forma como as territorialidades e memórias são construídas no decorrer dos anos escolares. A escola como espaço de desenvolvimento e aprendizagem envolve todas as experiências contempladas no processo de apropriação escolar, considerando tudo como significativo. A instituição de ensino é o meio fomentador de convivência e coletividade que infere um caráter atuante nos estudantes. Nesse sentido, busca-se compreender o cotidiano escolar a partir de uma perspectiva individual em que prevalece a memória de questões particulares que fazem parte do ambiente da escola já vivenciado anteriormente. Dessa forma, as narrativas constituem um instrumento na compreensão das perspectivas que são construídas por futuros docentes a partir das experiências escolares, uma vez que perfazem a linha tênue entre aluno – professor. A dinâmica na qual as descrições se inserem faz parte da memória que será retomada a partir da conclusão do ciclo estudantil e influenciará em lembranças futuras.

Palavras-chave: docência, vivências, cotidiano escolar.

Introdução

As experiências vivenciadas nos estágios proporcionam uma visão da realidade cotidiana das escolas. Essa visão não é neutra, pois é “carregada” de impressões gravadas na memória do que já foi vivido pelo estagiário em sua vida escolar. Cada experiência desperta lembranças do próprio passado escolar, o que permite uma troca de papéis. Dessa maneira, em diversos momentos, o estagiário se coloca no lugar do aluno e vive o episódio como se fora o próprio estudante.

Assim, torna-se possível analisar as práticas dos professores de maneira ampla, tanto como um educador quanto um educando. O registro constante das atividades que acontecem nas salas de aulas é importante para as reflexões, pois é possível reviver os acontecimentos e, portanto, analisar as posturas e comportamentos, possibilitando análises do que pode ser



melhorado e do que foi acertado. Além disso, o respeito pela individualidade de cada aluno representa um excelente desencadeador para a adoção de uma postura docente que busque entender que cada educando possui seu modo e tempo para aprender determinados conteúdos. Também há o favorecimento de opções diferenciadas que o professor possui para planejar suas aulas, de forma a explicar o conteúdo de maneiras diferenciadas.

Os registros feitos durante os estágios apresentam características diferenciadas dos registros feitos pelos professores, pois são captados através da perspectiva de graduandos que em algum momento irão exercer a docência. A descrição do cotidiano escolar quando feita pelos estagiários apresenta análises críticas das práticas dos professores, pois, os estagiários acompanham as reações e respostas dos alunos ao mesmo tempo em que as ações dos professores estão em andamento.

Esses momentos, em que o futuro docente pode acompanhar a prática de um professor já atuante e experiente, sentindo as reações dos alunos, são experiências valiosas para o entendimento e a compreensão do trabalho do professor e da influência que ele exerce na formação do educando. Através dos registros feitos durante o estágio foi possível entender o quanto os docentes despertam os sentimentos e possibilitam a compreensão do que nos revelou Paulo Freire: "Educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa" (1976, p. 97).

A presença docente na perspectiva escolar atual

O processo de globalização atual em que estamos inseridos faz com que as perspectivas mudem, os parâmetros sejam trocados e estereótipos sejam criados. A geração que experimenta as consequências tem sua dinâmica modificada com a velocidade e intensidade dos fluxos globais. Porém, apesar das transformações globais, a escola atual, mesmo com seus consideráveis avanços, ainda é reprodutora dos elementos que compõem o sistema político e econômico vigente em nossa sociedade, tornando-a contraditória e excludente. (SANTOS, LIMA e OLIVEIRA, 2014).

Essa educação enfraquecida contribui para uma escola descontextualizada, incapaz de incorporar as constantes transformações da sociedade. As raízes desse modelo se encontram na racionalidade técnica que prescreve a solução de problemas com base em teorias e técnicas científicas. (ALMEIDA, 2003). Na tentativa de romper com essa situação, há a necessidade

de transformação e aproximação das relações entre a escola e a universidade, a técnica científica com a prática pedagógica.

As características escolares no que diz respeito à satisfação e motivação dos estudantes vêm deixando a desejar com o passar dos anos. Os alunos não visualizam a escola como um ambiente de troca e complementação de um conhecimento pretérito àquele ambiente e que, por conta própria, não supre as necessidades que a sociedade impõe. A escola se mostra distante da realidade dos estudantes, funcionando paralelamente às questões que perfazem a realidade de cada um deles. Se partirmos do princípio de que o lugar é um espaço vivo, carregado de memórias e significações, a abertura à comunidade é uma alternativa fundamental e permite que alunos e suas famílias se enxerguem em seu território, nutram o sentimento de pertencimento, de enraizamento e se sintam reconhecidos no conhecimento que a escola produz e transmite a seus estudantes. Nesta direção, podemos afirmar que educação comporta processos socializadores, porque civilizatórios.

Nesse sentido, o professor ao entrar em sala de aula, não leva apenas o conteúdo a ser ensinado, já que leva sua vida, seu jeito de ser, fazer, ler e compreender o mundo. Para isso, como mediador, encontram novos desafios e necessitam ser criativos na busca de outras estratégias para conseguir atingir os objetivos a que se propõem. Portanto, a ação do professor é colocar em discussão estes universos culturais de produção de obras, de sentidos, de subjetividades, de geografias. Caberia ao professor, portanto, colocar em discussão consigo mesmo e com seus alunos a própria natureza do conhecimento e de cada obra que lhe dá sustentação. Além disso, as memórias e bagagens de cada indivíduo também possuem extrema importância para a leitura geográfica e social que se faz das linguagens e de suas representações, e o professor possui papel crucial no que diz respeito ao desenvolvimento de seus alunos, cada qual respeitando sua percepção, criação, interesse e necessidade no que diz respeito ao papel das linguagens em sua formação.

A relação do indivíduo com o espaço começa nos anos iniciais, em que a criança inicia seu processo de desenvolvimento e cognição a partir das relações que são estabelecidas na escola. Com o passar dos anos, os laços vão ficando cada vez mais fortes, e uma série de situações ocorre, tendo como palco o ambiente escolar. Além disso, as marcas e lembranças decorrentes do sistema de ensino aplicado na entidade também refletem no indivíduo, seja em suas práticas coletivas ou pessoais.

Nossa imaginação e conhecimento que operam na reconstrução de uma antiga memória, mas os sentimentos influem de tal forma a deixar aquela verdade verídica ou meramente memorizável. Será no oculto da imagem que talvez, poderemos decifrar seu real significado. O “acontecimento” assume uma história efetiva, a partir de construções intencionais, aparentemente surgindo no cotidiano e na singularidade das ações, mas sempre trazendo consigo uma memória em sua dominação mascarada. Dessa maneira, o professor, ao reingressar ao ambiente escolar, traz consigo uma série de situações, lembranças, marcas e medos que foram construídos durante o período em que era aluno. Inicialmente, a escola possui um papel “híbrido” em que não é possível dissociar situações já vividas com aquelas que ocorrem atualmente.

A narrativa como prática na formação docente

Toda prática deve ser pensada com objetivos, propósitos e uma intenção cada vez mais articulada a uma educação real, situada no contexto da escola e no dos que nela habita na busca pela realidade moral, pessoal e intelectual. (SANTOS, LIMA e OLIVEIRA, 2014). Segundo Piaget (1993), todo conhecimento é construído pelos seres humanos mediante suas interações com o meio. Portanto, para se alcançar esta fluidez tão desejada no ensino, requer-se, indispensavelmente, a aproximação da ciência com a realidade. Dessa forma, a inserção no ambiente escolar, previamente à concretização da formação docente, possibilita que os estagiários estabeleçam opiniões através de uma observação crítica dos fenômenos observados, muitas vezes, dentro da própria realidade do aluno.

Ao permanecer e observar o ambiente escolar é possível interligar as próprias emoções e memórias carregadas no decorrer dos anos escolares. As peculiaridades do ambiente, somadas a um conhecimento construído, a uma estrutura social, a uma cultura e a laços diferenciados, individuais e interiorizados de maneira distinta fazem com que as memórias e sentimentos sejam presentes no decorrer de todo o período de estágio e, conforme as semanas passam, o significado dessas lembranças vai transformando o papel que cada uma delas possui na vida do professor a ser formado.

A partir de toda a abordagem inicial, começaremos a descrição do cotidiano escolar com base nas narrativas realizadas durante o período de observação, as quais devem ser entendidas como componentes de um diário, que em sua essência possui as vivências adquiridas no decorrer do estágio. Com base nas narrativas, nota-se como o papel da escola,

dos alunos e do próprio ambiente vão sendo transformados, e o quanto essa metamorfose influencia na formação profissional.

As observações foram realizadas em uma escola estadual de Campinas, localizada no centro da cidade e bastante conhecida por seu tradicionalismo, rigidez e “ensino de qualidade” (o que explica em grande parte a extensão da fila de espera de alunos para serem matriculados na escola).

O início do acompanhamento, como o esperado, foi permeado por muita curiosidade: “Os olhares de curiosidade vieram assim que me dirigi à porta da sala e fiquei esperando a professora chegar. Além de olhares, conversas que eram bem simples: “tia, você vai dar aula aqui hoje?”, “professora, você será nossa substituta?”. Nesse primeiro momento várias lembranças vieram à tona, desde da aglomeração de grupos distintos no pátio, ou da paquera no corredor antes de entrar para a sala. Essa primeira impressão é bastante nostálgica, e traz consigo uma dose de saudade dos poucos bons momentos vivenciados no decorrer do ensino fundamental. Tudo parecia muito solícito e eficaz, além da aparente harmonia entre alunos e professores.

Considerando-se o professor um orientador na transmissão e reconstrução dos conhecimentos socialmente estabelecidos, percebe-se sua fundamental importância, assim como a da escola na estruturação pessoal dos estudantes. O aluno recebe do professor, além do conhecimento, expectativas a seu respeito que acabam influenciando em seu desempenho escolar e em suas relações sociais, o que possibilita que essas expectativas se auto cumpram:

A aluna deixa um recado para a professora no final da folha de sua prova: - *Professora estava com dificuldades com algumas questões, peço desculpas se eu tirar nota baixa*”. É interessante que nesse recado que a mesma deixou, a escrita estava mais clara, com erros de português que não impediam de compreendermos o que ela desejava comunicar. Posso estar totalmente enganada, mas me parece que essa aluna sente muita insegurança, e medo da professora, e esse possível conflito a faz ter medo de errar, então, é como se ela escrevesse palavras e frases que ficassem “ilegíveis” para que não entendêssemos realmente suas respostas finais. (Trecho da narrativa do dia 13 de junho de 2016. Autoria: Bárbara Correa e Silva).

Outro momento de enorme importância apareceu na narrativa referente ao dia em que foi necessário substituir o professor. Uma prática que apesar de não ser correta, é muito recorrente no ensino brasileiro, uma vez que há déficit na formação profissional. Dessa forma, o estagiário ganha um novo papel que ultrapassa a função de observador e auxiliador das aulas, para o ator principal perante os alunos. “Acho que depois de toda a experiência de hoje,

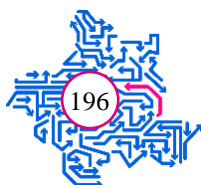
eu agreguei um novo sentido à palavra professora: eu não sou só a Maju que é professora de um cursinho comunitário aos finais de semana (e que ama dar essas aulas); agora eu também sou a Maju, integrante do 9º ano”. (Trecho da narrativa de 14 de abril de 2016. Autoria: Maria Júlia B. Rossetto). Interessante notar como o papel do professor começa a ser compilado na própria identidade, em que não é mais possível dissociar o indivíduo do docente, que a partir desse momento se sente parte integrante de um todo que aparenta ser homogêneo e carregar um sentimento único dentro do ambiente escolar.

Mas essa situação durou pouco. Posterior a essa “lua de mel”, uma série de complicações e desapontamentos começaram a aparecer.

Começo minha narrativa com uma dose de sinceridade, ao dizer que não tive muito empenho ao ir para a escola hoje. Nós estamos enfrentando muitas dificuldades no que diz respeito à comunicação com a professora, coordenação e direção. Nenhuma das três se mostra aberta a fazer um projeto, mesmo com uma explicação incessante de nossa parte em mostrar que o projeto não necessariamente afetará a dinâmica da escola, e sim, refletirá na dinâmica da própria sala de aula que estamos conhecendo. Além disso, nenhuma das partes está se mostrando favorável ao acompanhamento em conjunto (meu e da Bárbara) à sala de aula, o que dificulta bastante nosso trabalho. (Trecho da narrativa do dia 01 de abril de 2016. Autoria: Maria Júlia B. Rossetto).

Nesse momento, a escola mostrou sua tendência a ter um caráter liberal/tradicional, em que a preparação intelectual e moral dos alunos consiste no compromisso de que os menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades e conquistar seu lugar junto aos mais capazes. Além disso, os conteúdos são separados das realidades sociais locais (uma vez que somente o modelo global “eurocêntrico-americano” permeia boa parte das discussões), expostos verbalmente, em uma relação professor aluno em que predomina a autoridade do professor, constatando uma disciplina rígida. A aprendizagem receptiva e mecânica ocorre através da coação e considera que a capacidade de assimilação da criança é a mesma do adulto.

Com essas considerações, o estágio começou a ganhar uma nova perspectiva, não mais pautada nas memórias positivas acumuladas no decorrer do período escolar, mas sim transpassada pelo cansaço e desânimo adquirido com a rotina que estava sendo construída. A escola começa a se transformar em um ambiente grotesco, irritável e cansativo, não só para os alunos como também para os estagiários.



Senti durante essa visita que estava afastada do cotidiano dos alunos. Assim que cheguei na escola, não me apeguei a detalhes, manifestações, conversas paralelas. Estava desanimada por conta dos acontecimentos anteriores, e de certa forma acabei "descontando" na minha observação dos estudantes. Além disso, acho que a própria narrativa perdeu um pouco do caráter lúdico, para algo mais realista, crítico e de certa forma, até um pouco pessimista. Não sei até que ponto isso é negativo para o estágio, mas me senti em falta comigo mesma ao assumir essa postura. (Trecho da narrativa do dia 01 de abril de 2016. Autoria: Maria Júlia B. Rossetto).

Além disso, um estudante que receba uma baixa expectativa, como resposta de um professor, não tem motivação e nem oportunidades em sala de aula para modificá-la, pois, como já se sabe, quando se espera pouco ou nada de uma situação, investe-se menos energia para realizá-la. Essa situação foi nítida a partir de cenas que puderam ser observadas em sala de aula.

Dois fatos me chamaram a atenção no dia de hoje, o primeiro foi em relação a uma aluna comentada em meu primeiro diário, essa aluna costuma não realizar nenhuma tarefa, e em todas as aulas apenas coloca seu material à mesa e não abre caderno nem livros, permanecendo o tempo todo com a cabeça debruçada entre os braços, como se estivesse dormindo, no entanto, ela não dorme de fato. Já se é sabido que essa aluna não responde aos "estímulos" dos alunos e dos professores, não realiza nenhum tipo de socialização com qualquer pessoa da escola, e a professora fica muito "preocupada", pois ela diz que a partir do 9º ano os alunos poderão reprovar caso não consigam a nota média de aprovação. A professora já não tenta nenhum contato com a aluna em questão, a sensação que me passa é como se a aluna fosse ficando cada vez mais invisível. Quanto ao segundo episódio que me chamara atenção foi sobre a posição da professora quanto a um aluno que apresenta sério déficit de aprendizagem. Esse aluno pedira ajuda para sua colega que se senta a sua frente, quando a professora percebeu que a coleguinha estava tentando ajudá-lo, ela imediatamente pediu para que a aluna parasse de ajudá-lo, pois a ajuda deveria ser recebida apenas da própria professora. Observei se essa ajuda da professora aconteceria, mas não ocorreria, o aluno acabou recebendo ajuda da coleguinha que antes já estava a ajudar, se não fosse pelo impedimento da professora. (Trecho da narrativa do dia 28 de março de 2016. Autoria: Bárbara Correa e Silva).

Outro ponto que pode ser sentido foi a presente diferença entre métodos pedagógicos entre professores e o quanto isso influencia, em grande intensidade, na postura que os alunos possuem dentro (e fora) da sala de aula. Algo que foi aprendido a partir da vivência escolar é que esse ambiente não é restrito apenas ao que nós, como profissionais, almejamos como sendo o ideal para os alunos que acompanhamos. As memórias escolares são construídas a partir da perspectiva individual, que é baseada no conjunto de bagagens culturais, sociais, familiares, entre outras que colaboram para as particularidades dos estudantes. Portanto, apesar dos diferentes métodos e abordagens, docentes (as quais são passíveis de concordância

ou não) formam o impulso necessário para o significado que a escola ganha para cada estudante.

Eu me coloquei no lugar da professora, experimentei da mesma frustração que ela hoje. Realmente, houve uma tentativa de transformar a didática da turma, pelo menos em uma atividade. Ser professor é uma tarefa árdua, assim como em toda profissão, nem todos estão em sintonia, possuem o mesmo pensamento, o mesmo objetivo. Sinto como professora, aluna e colega da turma e de trabalho da Leyla, com o ocorrido de hoje que tenho certeza, que infelizmente, se repete em todos os outros dias, com inúmeros alunos e turmas. (Trecho da narrativa do dia 09 de junho de 2016. Autoria: Maria Júlia B. Rossetto).

Considerações finais

Ao fim do acompanhamento, diversas perspectivas foram formadas e/ou transformadas. As narrativas foram carregadas de novos significados atribuídos à escola, assim como de memórias que foram surgindo conforme as situações eram vivenciadas. Apesar dos entraves e dificuldades enfrentados (o que é até natural dentro do ambiente fechado e rígido de uma escola), as observações retratadas no decorrer das narrativas foram de extrema importância não somente para o desenvolvimento da prática docente, como também para a abertura a novos horizontes e perspectivas dentro de uma visão particular de cada estagiária, que a partir de sua bagagem anterior, absorveu a experiência de forma distinta, o que faz com que os futuros métodos e práticas pedagógicas sejam diferenciados entre ambas, assim como entre os demais docentes.

A professora estava dando aula no 1º ano, e usara um globo terrestre com essa sala para trabalhar o assunto Sensoriamento Remoto, e por conta disso levou o globo terrestre para a sala do 9º ano, mas não usaria esse material. No entanto, o globo chamou a atenção dos alunos, que quiseram saber mais sobre o utensílio. Como a professora não ia trabalhar nenhum assunto que fosse preciso utilizar o globo, ela apenas explicou um pouco do assunto tratado com o 1º ano. Eu achei muito interessante a professora querer conversar com os alunos sobre o que ela está ensinando para os 1ºs anos, pois demonstra atenção para com eles; ela procurou ser super didática, e trouxe exemplos do dia a dia para explicar os conteúdos, e ao perceber que a sala não estava conseguindo acompanhar, ela reforçava as explicações, trazendo um pequeno debate para instigar os alunos, e parece que dessa vez funcionou. (Trecho da narrativa do dia 28 de março de 2016. Autoria: Bárbara Correa e Silva).

Além disso, há uma diferença entre a perspectiva do estagiário com relação aos alunos, uma vez que já passaram pela situação de serem estudantes. A significação das espacialidades e relações escolares ultrapassa os vieses que anteriormente eram sentidos quando eram ocupadas as posições dos alunos, porém, eles próprios se mostram ativos na

construção de uma nova perspectiva docente, a qual necessita adaptar-se em uma visão mais crítica, interessada e que busca por respostas que satisfaçam não somente questões que estão dentro da sala de aula, mas sim situações cotidianas que colaboram na construção desses indivíduos. Dessa forma, o “ser professor” começa a se tornar cada vez mais próximo da realidade, e busca, através do anseio proporcionado pela curiosidade dos estudantes, uma vertente mais proximal que auxilie nas relações e fortaleça os laços que posteriormente serão lembrados.

Ao fim da minha observação, penso que aprendi bastante. Os alunos me mostraram que apesar de estarem em um sistema, uma escola, uma sala de aula e até um sistema pedagógico que os "oprime" e orienta a ter uma visão homogênea e igualitária, em que o diferente não é bem vindo, conseguem se diferenciar desse modelo. Que os estudantes estão lá, pensando e agindo diferente, criando opiniões e visões críticas de determinados assuntos e que não importam as regras, eles continuam ali não como números, mas como indivíduos. (Trecho da narrativa do dia 18 de maio de 2016. Autoria: Maria Júlia B. Rossetto).

Referências bibliográficas

ALMEIDA de, R. D. Atlas municipais elaborados por professores: A experiência conjunta de Limeira, Rio Claro e Ipeúna. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 23, n. 60, p. 149-168, agosto 2003.

ALVES, Nilda. Nossa lembrança da escola tecidas em imagens. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (Orgs). **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 127-136.

ALVES, Nilda. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: Costa, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: Editora lamparina, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia Escolar, Formação e Práticas Docentes: percursos formativos. In: CASTELLAR, Sonia M. Vanzella; MUNHOZ, Gislaíne Batista. (orgs.) **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012.

DUARTE, N. O debate contemporâneo das teorias pedagógicas. In: MARTINS, L. M; DUARTE, N. **Formação de Professores: limites contemporâneos e alternativas necessárias**. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2010, p. 33-49.

FONSECA, Fernanda Padovesi; OLIVA, Jaime. A linguagem gráfica e suas relações com a cartografia. In: _____. **Cartografia**. São Paulo: Melhoramento, 2013, p. 105-128.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Editora Paz e Terra. 1967. Rio de Janeiro. HAUSCHILD, C. B. **Qual a função da Escola?** Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/10318/qual-a-funcao-da-escola>>.

OLIVEIRA JR, Wenceslao M.; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de geografia. Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, XI, 2011, Goiânia, 2011. **Anais do XI ENPEG**, Goiânia, 2011, v. 1, p. 1 -9.



5º Encontro Regional de
Ensino de Geografia

As políticas curriculares e o Ensino de Geografia
Campinas, 20 a 22 de outubro de 2016

OLIVEIRA, M. M. de. A geografia escolar: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis – SC, N°02, p. 10-24, jun/2006.

SACRAMENTO, A. C. R. Didática e Educação Geográfica: algumas notas. **UNI Pluri/Versidad**, vol.10, n.3, Version Digital.

SANTOS, dos. J. I; LIMA, G. A. C; OLIVEIRA, de. D. A. A didática e o ensino de geografia: um olhar sobre a prática docente e aprendizagem. **VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, Vitória – ES. Agosto, 2014.

SILVEIRA, R. M. P; CRESTANI, D. M; FRICK, E. C. de L. Aula de campo como prática pedagógica no ensino de geografia para o ensino fundamental: proposta metodológica e estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Geográfica**, Campinas, v. 4, n. 7, p. 125-142, jan./jun., 2014.

